

Deixemos o futuro respirar



A. Betâmio de Almeida

“Nenhuma coisa se pode prometer à natureza humana mais conforme ao seu maior apetite, nem mais superior a toda a sua capacidade, que a notícia dos tempos e sucessos futuros.”

P. António Vieira

(*História do Futuro*, 1718)

O termo “futuro” pode ser aplicado com significados diferentes. O tempo que há-de vir, após o presente, pela incógnita que engloba, costuma abranger significados austeros. Mas o “futuro” é também utilizado para qualificar o progresso e o sucesso associado ao novo: “A gasolina é o combustível do futuro”, “o nuclear é a energia do futuro”, “o plástico é o material do futuro”. O futuro é, assim, um risco, pois o tempo pode convocar a julgamento os futuros já passados. Não raras vezes os dois significados misturam-se num novelo. “A

ciência dos futuros – disse Platão – é a que distingue os deuses dos homens, e daqui lhes veio sem dúvida aquele antiquíssimo apetite de serem como deuses”, escreveu o Padre António Vieira. Muito se tem esforçado a Humanidade para dominar esta referida ciência utilizando os mais diversos instrumentos, artes, rituais, feitiços e pitonisas. Mas a ciência contemporânea impõe condicionamentos bem definidos à previsão fiável da evolução temporal dos fenómenos que estuda.

A literatura está mais livre para penetrar em todos os futuros. É o que ocorre com a ficção científica ou com os autores que aplicam a sua sensibilidade e intuição na premonição de situações futuras. Na divulgação de novas tecnologias intensificou-se o anúncio de modificações abruptas e determinantes na sociedade humana. O conceito de disrupção tornou-se para muitos como sinónimo de um comportamento positivo e virtuoso, quase indispensável para um sucesso rápido no domínio comercial ou um passo numa evolução humana diferente. A pandemia da covid-19 veio retirar à “singularidade” tecnológica a responsabilidade dessa disrupção global tão anunciada. E esta é uma disrupção forçada e reforçada envolvendo vários tipos de crises. O futuro imediatamente pós-covid suscita, assim, um

interesse especial por parte dos governos e também dos autores que têm a coragem de não evitar o apetite referido pelo Padre António Vieira.

No panorama editorial e de comunicação surgem então livros e ensaios com antevisões desse futuro próximo. De forma muito prudente e inteligente, essas notícias urgentes são, maioritariamente, constituídas pela projecção de tendências objectivas, cenários ou desejos ancorados nos conhecimentos do presente.

“Sobrecarregando” assim o futuro e fazendo esperar muito dele. As publicações das forças aliadas também o faziam abundantemente no final da II Grande Guerra ao apresentarem o que iria ser a vida em paz. Os artistas são mais ousados na mensagem de mudanças, estéticas e filosóficas, no mundo mas seguem um processo de maturação mais lento e não evidente. É a obra que marca mais e não tanto as justificações apresentadas pelos autores.

Recentemente foi apresentada uma Visão estratégica e um Plano de recuperação para o país. A visão elaborada pelo eng. Costa Silva tem o mérito de elencar um conjunto de áreas cujo desenvolvimento em dez anos é suposto poder modificar o nosso país. Uma tarefa gigante para o futuro de Portugal. O Plano é um instrumento do Governo que, beneficiando da visão, tem um objectivo mais limitado, mas urgente.

No passado recente, planos parciais ou específicos de cariz técnico e político atingiram objectivos relevantes para Portugal nas áreas do ensino, da ciência, da habitação, da saúde, do saneamento básico, da energia e das comunicações, entre outras. A visão é mais ousada. Mas, na minha opinião, os investimentos intensivos teoricamente produtivos e as novas tecnologias não garantem imediatamente a um país o progresso, social e económico, mais justo e sustentado. Para isso será necessário (e difícil) identificar e colocar em consonância os desejos, valores e características culturais da nossa comunidade tecidos durante séculos. Este pode ser o contributo fundamental das pessoas para uma mudança real.

Frei Bento Domingues (PÚBLICO de 20/9/20) tocou neste ponto quando descreveu o modo como o Papa Francisco elaborou a encíclica *Laudato Si*: primeiro a contribuição dos cientistas, depois a análise de filósofos e teólogos e, finalmente, a síntese. O conciliar de dimensões complementares. Para o sucesso pretendido a longo prazo é indispensável, na minha opinião, considerar outros tipos de

“riquezas” para além da competitividade e da riqueza produzida em ambiente de mercado ou empresarial. Há que fazer uma análise integrada da situação presente e das suas causas. Numa floresta há que ver as raízes e os troncos e não só as folhas.

Portugal não é uma “ilha isolada” e poucos são os países que poderão decidir “construir um futuro autónomo”. Os países nossos concorrentes estarão também a investir na transição digital para serem mais competitivos. Mais importante será o que for original e difícil de ser copiado. Também será pertinente reflectir sobre o que poderá ocorrer, num futuro afastado da epidemia, como resultante de desajustamentos críticos em curso. Um desfasamento decorrente da actuação dos mercados e outros poderes globais que, apoiados na técnica, ultrapassam as fronteiras e as capacidades condicionadas dos governos, sendo um risco para as democracias. Um desfasamento entre o sentido e o tempo da vida humana, com um mercado associado à tecnologia cada vez mais exacerbado e abrangente. Impondo a inovação como um processo permanente e sem limites e explorando (acelerando) o tempo e a privacidade humana. Podendo assim eliminar a estabilidade e o poder dos projectos individuais de vida. Um tempo actual de estagnação de ideias ou soluções diferentes para tentar resolver os problemas sociais e ambientais e melhorar a governança do planeta. Onde o caminho para o futuro parece seguir um túnel que afunila sem percebermos para onde vai. Um túnel em vez de um oceano aberto a alternativas e a novos rumos sem perda do essencial da Humanidade. Talvez ainda se possa evitar um futuro onde o real passe a virtual e o virtual se considere como real, perdendo-se colectivamente o importante “princípio da realidade”. Tentando evitar à Humanidade o que não se evitou ao planeta: danos irreversíveis.

Quanto a livros recentes sobre o futuro, saliento a publicação intitulada *Pensar o Futuro* que, sob a organização de Nicolau Santos (Porto Editora), inclui textos muito interessantes de 14 personalidades nacionais. São apresentadas sínteses de tendências em tópicos actuais e nos conhecimentos científicos e técnicos, com particular incidência na saúde pública, na economia, no trabalho e na educação, entre outros. Mas sobressaiu pela originalidade e força o texto abrangente sobre cultura e muito mais, de Lídia Jorge. A escritora não sobrecarrega o futuro com previsões ou certezas. O bosque onde todos nos encontramos não lhe permite ver muito longe (como a todos nós). A sua

Data: 23.11.2020

Titulo: Deixemos o futuro respirar

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 8



esperança num mundo melhor fica depositada na herança que os humanos receberam e nos inventores do futuro que ainda não nasceram.

Professor catedrático (emérito) da Universidade de Lisboa/Instituto Superior Técnico; vogal da direcção da Associação APRe!

“

Portugal não é uma ‘ilha isolada’ e poucos são os países que poderão decidir ‘construir um futuro autónomo’. Mais importante será o que for original e difícil de ser copiado

Área: 656cm²/ 70%

Tiragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6997426